



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE BELAS ARTES

MINHA SALA DE JANTAR: COMO O ESPAÇO NOS MOVE

VANESSA MARIA ARAÚJO MENDES

ORIENTADORA

CÁSSIA MONTEIRO

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Escola de Belas Artes  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
parte dos requisitos necessários à obtenção  
do grau de bacharel em  
Artes Cênicas – Cenografia.

RIO DE JANEIRO

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

M538m      Mendes, Vanessa  
              Minha Sala de Jantar: Como o espaço nos move. /  
              Vanessa Mendes. -- Rio de Janeiro, 2023.  
              22 f.

              Orientadora: Cássia Monteiro.  
              Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
              Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
              Belas Artes, Bacharel em Artes Cênicas: Cenografia,  
              2023.

              1. Video performance. 2. Sala de Jantar. 3. Como  
              o espaço nos move. 4. Memórias afetivas. I. Monteiro,  
              Cássia, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Estudante: Vanessa Maria Araújo Mendes

DRE: 118107508

Curso Artes Cênicas – Cenografia

Departamento de Artes Teatrais – BAT

UFRJ – CLA – Escola de Belas Artes

Título do projeto: Minha Sala de Jantar – Como o espaço nos move

Orientadora: Cássia Monteiro

Data de defesa: 07/12/2023

Resumo: O projeto que será apresentado a seguir intitulado *Minha sala de jantar: Como o espaço nos move* parte do princípio dos estudos que tive em sala de aula na disciplina *História sobre Lugares e Coisas: Ocupações* com apoio à leitura *A poética do espaço* de Gaston Bachelard. Este trabalho busca criar um ambiente de refúgio que evoca memórias afetivas, visualmente representado por uma sala de jantar em razão do contexto histórico de origem desse cômodo e lembranças pessoais vivenciadas nele. Com base nisso, meu objetivo é construir um cenário que transmita essas lembranças de segurança, acolhimento e união, através de um vídeo-performance. Ao assistir o vídeo, o espectador será transportado para esse ambiente que o permite se conectar com suas próprias memórias e emoções, através da lente da câmera. A narrativa será construída gradualmente, revelando cada detalhe do cenário conforme um poema autoral é recitado, revivendo as emoções que esse cômodo desperta em nosso íntimo e, que nos levará a refletir sobre o poder dos espaços em nossas vidas.

Palavras-chave: Sala de Jantar, memórias afetivas, vídeo-performance, união, segurança.

Abstract: The project that will be presented below, entitled *My Dining room: How space moves us*, is based on the studies I had in the classroom in the subject *History about Places and Things: Occupations* with support for reading *The poetics*

of space by Gaston Bachelard. This work seeks to create an environment of refuge that evokes affective memories, visually represented by a dining room due to the historical context of origin of this room and personal memories experienced in it. Based on this, my goal is to build a scenario that conveys these memories of safety, welcome and unity, through an performance video. When watching the video, the viewer will be transported to this environment that allows them to connect with their own memories and emotions, through the camera lens. The narrative will be built gradually, revealing each detail of the setting as an authorial poem is recited, reliving the emotions that this room awakens within us and which will lead us to reflect on the power of spaces in our lives.

Keywords: Dining Room, affective memories, performance video, unity, security

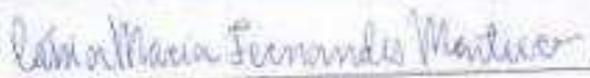
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM  
ARTES CÊNICAS - CENOGRAFIA  
ATA DE DEFESA**

NOME: **Vanessa Maria Araujo Mendes** DRE: 118107508  
 TÍTULO DO PROJETO: **Minha sala de jantar - como o espaço nos move**  
 ORIENTAÇÃO: **Cássia Monteiro**

A sessão pública foi iniciada às 15:15, realizada de modo presencial. Após a apresentação do trabalho de conclusão de curso o (a) estudante, foi arguido (a) oralmente pelos membros da Banca Examinadora e foi considerado (a):  APROVADO(A) /  APROVADO COM LOUVOR  APROVADO(A) COM RESSALVAS  REPROVADO(A), de acordo com os seguintes critérios:

	SIM	PARCIAL	NÃO
O (A) estudante demonstra competência para expressar uma linguagem própria como artista cênico	X		
O projeto evidencia fundamentação teórica com relação ao material que lhe serve de base e diálogo com o contexto artístico e cultural a que se vincula o projeto	X		
O (A) estudante demonstra capacidade de organização do projeto gráfico, explicitando domínio com relação a formas, volumes e texturas	X		
O (A) estudante utiliza com propriedade os meios de representação gráfica, o raciocínio espacial, a proporção, o equilíbrio e a harmonia das criações	X		
O (A) estudante demonstra capacidade para realizar a aplicação prática do projeto: confecção, adequação de materiais, orçamento, realização de protótipos e modelos	X		
O (A) estudante apresentou Memorial Descritivo	X		

COMENTÁRIOS: A banca avalia a investigação poética de caráter autoral ressaltando também seu processo de construção de um espaço físico por meio de sua pesquisa técnica que resultou em uma ótima performance de grande qualidade estética.

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Cássia Monteiro (orientadora)	
Ronald Teixeira	
Andrea Renck	
Coordenador	 <small>Documento assinado digitalmente ANTONIO DE SOUZA PINTO GUEDES Data: 14/12/2023 16:24:44-0300 Verifique em: https://brasil24.gov.br</small>
Vanessa Maria Araujo Mendes	

Rio de Janeiro, 07/12/2023

## AGRADECIMENTOS

Primeiro gostaria de expressar minha gratidão a Deus por guiar meu caminho e a Nossa Senhora de Aparecida por interceder por mim ao longo dessa jornada de sonhos e planos. Sendo uma delas, a de ingressar na faculdade que tanto almejei e poder concluir este projeto incrível e inesquecível, que marca o início de um novo ciclo em minha vida. Agradeço imensamente à minha família pelo apoio constante em cada etapa e meu parceiro da vida desde 2021, Guilherme Maquinari, pelas conversas motivacionais, por todo amor e carinho que tem sido uma fonte de incentivo para que eu me torne a melhor versão de mim mesma a cada dia. À minha orientadora, Cássia Moreira, por embarcar nessa comigo, acreditando em meus processos e me incentivando a continuar e persistir desde o conceito inicial deste trabalho. Há muitas pessoas que gostaria de agradecer por fazerem parte dessa trajetória, guardarei com carinho todos os aprendizados e lições que cada uma delas me proporcionou. E por fim, não posso deixar de agradecer a mim mesma por dar o primeiro passo. Não faltou força de vontade ao enfrentar de 4 a 6 conduções por dia, muito trabalho duro e persistência. Sou grata pelos momentos de autocuidado; muita *skincare* e exercícios que tornaram tudo mais leve e prazeroso. Sinto muito amor pela pessoa que estou me tornando!

## SUMÁRIO

### 1 INTRODUÇÃO

1.1 Leituras em Sala de aula.....06

1.2 Contexto Histórico.....07

### 2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Pesquisas.....08

2.2 Estudos de Imagens e Elementos.....12

2.3 Poema autoral.....13

2.4 Instalação.....14

### 3 VÍDEO PERFORMANCE

3.1 Referências e Estudos.....17

3.2 Produto final.....20

### 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## INTRODUÇÃO

Iniciei essa jornada ao ingressar na disciplina optativa *História sobre lugares e coisas: Ocupações*, entusiasmada em aprender mais a fundo sobre a origem de cada espaço criada dentro da sociedade e suas finalidades, e suscitei mudanças no decorrer da história da humanidade de acordo com culturas e momentos. Para o estudo desses lugares e objetos partimos de duas leituras dadas em sala de aula: *Tudo sobre a casa* da jornalista e historiadora especializada em arquitetura Anatxu Zabalbeascoa e *A Natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*. do geógrafo e escritor Milton Santos. Na primeira leitura é um estudo através da história da arquitetura sobre a evolução dos cômodos que compreendem uma casa atualmente. Anatxu afirma que a construção de um espaço vai muito além de várias linhas juntas; há algo mais profundo a ser decodificado ao criar um espaço habitável:

“Os quartos e os garfos contam uma história. Pode se conhecer a história da civilização tanto pela análise de suas batalhas como pela observação de seus hábitos privados. Por isso, a história da casa guarda muitos dos segredos dos homens. Dados frequentemente menosprezados pelos historiadores – o que as pessoas comiam como e com quem dormiam, quando tomavam banho ou como eram as janelas de suas casas – revelam como são os seres humanos tanto quanto o lugar, a data e o butim das batalhas que figuram nos livros de história.” (ZABALBEASCOA, 2013, p 1)

Ou seja, cada minúcia, desde a escadaria, portas, janelas e corredores, o destacar ou ocultar, podem expressar camadas de quem nós somos e, assim ajuda a compreendermos sobre devida cultura em determinado tempo e espaço. Podemos interpretar isso da seguinte forma: de um lado, a compreensão visível com a matemática, engenharia, fatos e congêneres; do outro lado, temos o invisível, simbolizando as camadas de um passado vivido naquele espaço onde guardamos lembranças e histórias que dão sentido ao que é palpável, como o nosso lar, por exemplo.

Em seguida, para aprofundar mais sobre esse assunto de forma mais técnica, Milton Santos trás um estudo através da geografia sobre a globalização dos espaços, e de que maneira são criados esses ambientes habitáveis. Entende-se que o espaço, o seu meio, é um sistema onde há a possibilidade de eventos, e para esses eventos se realizarem temos um conjunto de elementos materiais ou não, objetos naturais ou fabricados com sistemas de ações (forças, atos, atitudes, informações), deliberados ou não para que sejam respondidos conforme os modos da racionalidade presente em cada cultura e região diferente. E essa realidade sempre vai estar se modificando, se

tornando mais complexa, para se encaixar com o tempo presente e futuro. Esses “restos” materiais denominados como rugosidades são sobras do passado que influenciarão o modo como o novo objeto será instalado e adaptado para a realização de uma nova produção que pode retratar novas funções e ao mesmo tempo o passado que possibilitou o período atual.

“ As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. [...] nos oferecem [...] restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizado. [...] O modo de produção que, [...] cria formas fixas, pode desaparecer- e isto é frequente – sem que tais formas fixas desapareçam.” (SANTOS, 1978, p.138)

Nessa relação do homem-natureza temos uma reunião de *fixos* e *fluxos*; a compreensão de fixo podem ser representadas por fábricas, lojas, casa, porto, igrejas... que emitem fluxos divagando entre os fixos, podendo ser mercadorias, pessoas, ordens, ideias... Cada lugar tem o seu própria ritmo de fixos e fluxos. Uma cidade é um fixo cruzado por fluxos.

“[...] espaço como conjunto contraditório, formado por uma configuração territorial e por relações de produção, relações sociais; e finalmente, [...] o espaço formado por um sistema de objetos e um sistema de ações. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixos, fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos.” (SANTOS, 1994, p. 110)

Com esse entendimento, me propus explorar uma lembrança pessoal em específico que traz boas memórias de felicidade e pertencimento e acredito que tenha, e ainda, faça parte da realidade de várias pessoas: A reunião entre família e amigos em volta da mesa de jantar quando era criança e brincava de esconderijo por debaixo da mesa e olhava os pés dos convidados enquanto tentava prestar atenção em todas as conversas paralelas que escutava. Naquele momento ainda me lembro de me sentir em um tempo diferente daquelas outras pessoas, como se estivesse em uma dimensão diferente. É uma lembrança de um momento especial que tenho guardado e sempre relembro quando penso em sentimentos de segurança, amor, partilha e união que o próprio cômodo em si retrata em sua história.

Historicamente, a partilha do alimento, também denominada comensalidade é um ato presente há milhares de anos; quando se sentavam ao redor do fogo para se esquentar e cozinhar o alimento. A partir disso, temos a transformação de uma simples necessidade biológica de sobrevivência para algo social, político e cultural. Comensalidade deriva

do latim “mensa” que significa conviver à mesa, uma junção de regras e valores de como se comportar nesse espaço. Não é atoa que nas casas se tornou primordial ter um cômodo ritualístico com uma mesa, cadeiras e uma decoração que agradasse aos convidados. A presença da mesa e o modo como as famílias lidavam com ela indica a importância para com o ritual e a estabilidade do grupo familiar, pois muitas vezes serviram como um ponto focal para a vida em união, onde pessoas se reúnem para compartilhar não apenas refeições, mas também histórias, risadas e afeto. É um lugar onde as relações são fortalecidas e memórias preciosas são criadas. Essas lembranças à mesa parecem encapsular valores fundamentais da vida humana, são símbolos poderosos de nossa identidade e das relações que moldam quem nós somos. Por esse motivo, proponho também uma reflexão sobre como todo esse processo se perdeu em partes atualmente, devido aos grandes fluxos e suas velocidades que afetaram essa relação que antes era primordial. O que costumava ser algo com horário marcado e de extrema importância, agora se tornou algo descartável, onde o individualismo se instalou e quebrou essa tradição. Minha Sala de Jantar é uma forma de revisitar com o espectador esse lugar e celebrar os aprendizados e as experiências que ela representa. É importante criar e preservar esses momentos especiais, que contribuem significativamente para a construção de um senso de pertencimento e de uma base sólida para o crescimento pessoal. Desse modo, para começar a criar esse cenário foi realizado pesquisas de algumas obras com a mesma premissa de uma sala de jantar para servir de inspiração, de alguma forma, no processo de criação de elementos desse projeto.



Fig 1:Frieze. 2018.



Fig 2: Comes por Katherina Cordás. 2021



Fig 3: Smarthistory. 2022.

“O banquete” (The Dinner’s Party) da artista americana Judy Chicago, apresenta uma instalação que representa o feminismo ao homenagear 1308 mulheres que tiveram grande importância em determinada época na história da humanidade, e como elementos para esse trabalho, foi posto uma mesa em formato triangular simbolizando a igualdade, e em cada lugar foi bordado na toalha da mesa os nomes das homenageadas com cálices, talheres, guardanapos e um prato de cerâmica para cada convidada em formato de vulva em cores e tamanhos diferentes para representar cada uma delas.



Fig 3: Mol-tagge Arte e Cultura. 2010.

Na segunda instalação, temos “A última Ceia” do cineasta, autor e artista multimídia britânico Peter Greenway na galeria Arsenal de Park Avenue em Nova Iorque. É uma releitura da obra de Leonardo DaVinci conduzida para um diálogo bidirecional do tema entre a imagem digital e pictórica, e com isso, trazer uma perspectiva diferente para o público de como podemos, no âmbito da arte contemporânea, manter a história viva e

preservar a identidade do próprio tecido histórico-geográfico presente entre nós a partir de uma mesa posta de frente para uma projeção da pintura.



Fig 4: Grupo Galpão. 2022.



Fig 5: Guia Folha. 2022.

E por último, a peça “Nós” um dos três espetáculos apresentados em comemoração aos 40 anos desde a fundação do grupo Galpão em 1982. A 23ª montagem do grupo celebra em volta de uma mesa com 7 personagens preparando a última sopa enquanto debatem uns com os outros sobre diversas questões da sociedade no âmbito político e as relações opostas entre o ator e espectador, ator e personagem, cena e plateia, público e privado, realidade e ficção.

Após uma análise minuciosa das três obras mencionadas, é possível perceber que, apesar das diferenças em suas apresentações, todas elas destacam os objetos que compõem uma sala de jantar: a mesa, as cadeiras e os objetos dispostos sobre ela, como talheres e pratos. Cada obra apresenta suas particularidades; Chicago explorando de forma explícita o poder do feminismo, Greenway abordando a realidade e o virtual frente a frente e o grupo Galpão criando uma atmosfera única por meio da performance e diálogo entre os atores. Todos eles trouxeram consigo uma história à mesa. Logo, para construir a atmosfera desejada com lembranças afetivas, e que se conectem imediatamente ao espectador por meio de suas próprias experiências, Gaston Bachelard, em sua obra "A poética do espaço", mapeia o caminho para alcançar tal fundamento através da fenomenologia da imagem.

“A imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem jovem. O poeta, na novidade de suas imagens, é sempre origem de linguagem. Para especificarmos bem o que possa ser uma fenomenologia da imagem, para frisarmos que a imagem existe antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é antes de ser uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma. Deveríamos então acumular documentos sobre a consciência sonhadora[...]Nos poemas se manifestam forças que não passam pelos circuitos de um saber[...]E é assim que um poeta coloca o problema fenomenológico da alma com toda a clareza. Pierre-Jean Jouve escreve: "A poesia é uma alma inaugurando uma forma". A alma inaugura. Ela é potência de primeira linha. É dignidade humana. Mesmo que a "forma" fosse conhecida, percebida, talhada em

"lugares comuns", ela seria diante da luz poética interior um simples objeto para o espírito. Mas a alma vem inaugurar a forma, habitá-la, deleitar-se com ela. A frase de Pierre-Jean Jouve pode, portanto, ser tomada como máxima perfeita de uma fenomenologia da alma." (BACHELARD, 2008, pag. 6)

Mais adiante, há a fenomenologia do espaço no âmbito da psicologia chamada de topoanálise, compreendida como o estudo dos lugares físicos de nossa vida íntima onde 'conectamos' o nosso inconsciente, o plano dos devaneios, descrito anteriormente como a compreensão invisível que dá sentido ao nosso lar.

"Temos que descobrir uma construção e explicá-la: seu andar superior foi construído no século XIX, o térreo data do século XVI e o exame mais minucioso da construção mostra que ela foi feita sobre uma torre do século II. No porão, descobriram fundações romanas e, debaixo do porão, acha-se uma caverna em cujo solo se descobrem ferramentas de sílex, na camada superior, e restos da fauna glaciária nas camadas mais profundas. Tal seria mais ou menos a estrutura de nossa alma". (BACHELARD, 2008, pag. 13)

Neste estudo, o autor utiliza a casa como uma ferramenta de análise. A casa é um conjunto de imagens que proporciona ao homem uma sensação de estabilidade, uma espécie de universo dentro de outro universo. A topoanálise busca racionalizar os pensamentos inconscientes, porém, não é suficiente descrever um quarto apenas através de sua planta, é necessário que o poeta o descreva, pois somente ele guarda as memórias que podem realmente transmitir ao leitor a verdadeira imaginação daquele espaço. É neste ponto que entramos no mundo onírico da casa, que ecoa na alma do leitor como a descrição de um cheiro ou som, pertencentes àquele lugar, tocando nosso íntimo.

"Portanto, há um sentido em dizer, no plano de uma filosofia da literatura e da poesia em que nos colocamos, que se "escreve um quarto", que se "lê um quarto", que se "lê uma casa". Assim, rapidamente, desde as primeiras palavras, à primeira abertura poética, o leitor que "leu um quarto" suspende sua leitura e começa a pensar em qualquer antiga morada. Você quereria dizer tudo sobre o seu quarto. Quereria interessar o leitor em você mesmo no momento em que você entreabre a porta do devaneio. Os valores de intimidade são tão absorventes que o leitor não lê mais seu quarto: revê o quarto dele." (BACHELARD, 2008, pag. 23)

O aspecto fundamental para a construção do contexto deste atual projeto ocorreu quando Bachelard descreve a casa como um ser vertical, onde os andares principais que frequentamos diariamente são acompanhados pelo sótão acima, simbolizando a racionalidade que se aproxima do céu, protegida pelo telhado, e pelo porão, onde armazenamos coisas que não usamos mais ou que simplesmente não queremos ter acesso em nossa rotina. O porão é um lugar escuro e empoeirado, representando a irracionalidade das profundezas. Inspirado por essa analogia e baseado em minhas

memórias afetivas, decidi não me preocupar apenas com os elementos visíveis sobre a mesa, mas também com o que poderia estar representado debaixo dela. Assim, estabeleci os elementos essenciais para o cenário: a mesa e o véu, representando essa divisão entre o visível e consciente e o invisível e inconsciente.



Fig 6: Prancha de referência de imagens realizada por mim. 2023.



Fig 7: Prancha de referência de imagens realizada por mim. 2023.

E então escrevi um poema que se divide em duas partes, as quais servirão de guia para a criação do vídeo. A primeira parte (desvendando a memória) consiste em dizer o que é esse espaço, enquanto na segunda parte, descrevo os sentimentos de conexão e pertencimento que foi vivenciado nele.

Poema autoral: Minha Sala de Jantar.

(1º parte)

Existe sim uma porta de entrada. Entro por lá todos os dias, buscando segurança e conforto em uma mesa farta. Mãos limpas para começar os preparativos! Não costumo receber muitas visitas, mas sempre tento deixar o mais apresentável possível. Não se sabe quando uma presença ilustre venha a bater na porta. E talvez, talvez esse seja você. Entre! Aqui dentro não precisa se preocupar com os ruídos lá de fora. Entre essas quatro paredes é o corpo que protege e aquece a alma. É grande. É imenso. Não se engane pela construção que está diante de seus olhos. Ela cresce e se transforma todos os dias. O que te trouxe aqui? O que prefere? Uma sopa quentinha ou um grande pedaço de bolo para se satisfazer? Sente se, vamos! Deixei sob a mesa uma garrafa de água para molhar a garganta. Se sinta a vontade para começar a falar. Estou ouvindo.

(2º parte)

Bem... Antes por debaixo dos panos, me parecia ser um outro universo, uma construção grandiosa. O meu esconderijo... Observava os pés dos que ali estavam presentes imaginando suas expressões pelo tom das vozes que serpenteavam no ar. Eram os gigantes. Assim eu os chamava. Mas agora eu me tornei o gigante. E o espaço que antes me cabia por inteiro se tornou bem menor. Engraçado como as perspectivas mudam tão depressa... Ideias, cabeças e corpos dividindo partículas energéticas adentrando e se apossando do meu espaço. O meu espaço. E como tatuagem me vejo com ela desde então. Novo movimentos, texturas, trouxe comigo para decorar o meu interior. Cobri, entalhei, costurei. Uma nova obra fora criada. E ao meio do caos, ela ainda é reconfortante. Minha mesa de jantar fiz de um lugar sagrado. Um pedaço de madeira com o peso das minhas lembranças mais profundas. Ela faz todo sentido do mundo! Trarei flores e contrastes para crescer o meu jardim e com novas raízes, rachaduras se abrirão de um novo tempo. Então volte aqui quando desejar, aqui sempre permanecerá... O convite estará sempre de pé.

Para dar forma a esse texto, utilizei um cômodo da minha própria casa para construir a estrutura que simbolizasse o esconderijo debaixo da mesa. Para isso, fixei fios (o total de 10,5m de comprimento) de um lado ao outro da parede, formando duas linhas paralelas, e acrescentei uma terceira, mais acima, para suspender quatro peças de forro de cortina.

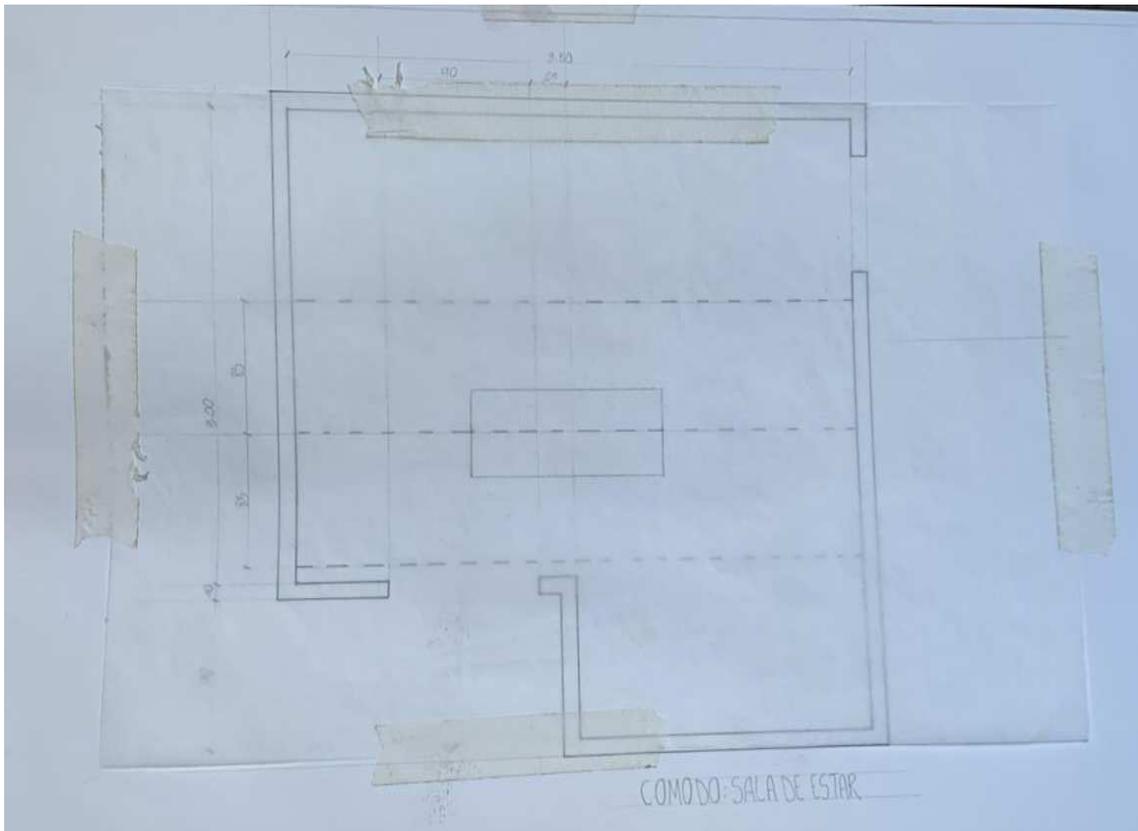


Fig 8: foto autoral, planta baixa. 2023.



Fig 9: montagem de imagens autoral. 2023.



Fig 10: foto autoral. 2023.

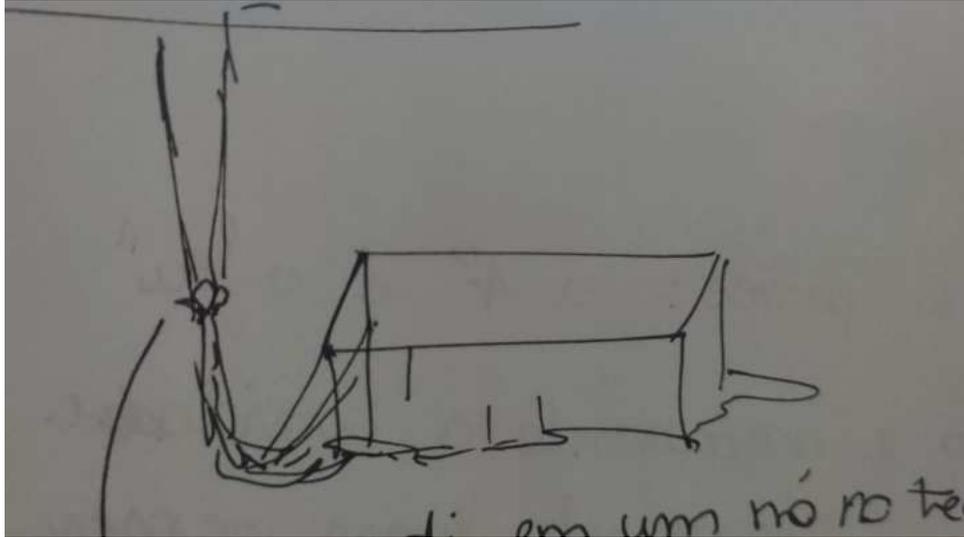


Fig 11: foto autoral. 2023.

A amarração do forro da cortina foi cuidadosamente planejada para criar uma conexão entre as memórias compartilhadas ao redor da mesa e os devaneios que surgem debaixo dela. Essa instalação proporciona a sensação de estar na sala de jantar, mas ao mesmo tempo dentro de uma tenda, misturando a realidade com a imaginação. Essa abordagem cria uma atmosfera lúdica que une a percepção do que é visível e o que é invisível.



Fig 12: foto autoral. 2023.



Fig 13/14/15/16: foto autoral. 2023.



Fig 17: Montagem de imagens autoral. 2023.



Fig 18: montagem de imagens autoral. 2023.

Por fim, a proposta central da construção do vídeo-performance foi explorar a perspectiva do espectador, como se este estivesse vivendo um sonho onde flashes de memórias desse lugar são apresentados. Cada estrofe do poema foi utilizada como guia para desenvolver o roteiro do vídeo, incluindo uma combinação de efeitos sonoros de conversas paralelas, sons de talheres e uma música de fundo a fim de criar um ambiente lúdico que transportasse o espectador para suas próprias lembranças na sala de jantar. As imagens da instalação foram capturadas de diversos ângulos, pensando tanto em planos mais amplos quanto nos detalhes que serão mostrados no vídeo. A natureza em 360 graus da instalação permitiu captar o espaço em diferentes panoramas, sendo isso

muito essencial para transmitir o paradoxo entre a visão de cima e de baixo dos panos. Uma das ideias importantes que desejei expressar nessa obra é a relação entre passado e presente desse espaço. Por isso, na edição do vídeo, optei por uma coloração diferenciada para distinguir os tempos distintos: o passado é representado por uma imagem amarelada, transmitindo a sensação de aconchego e vitalidade, enquanto o presente é retratado com um tom acizentado, remetendo a algo esquecido, empoeirado e guardado nas sombras, evocando o segmento da história vivida ali, algo quase fantasmagórico. Utilizando as palavras do poema como o ponto de partida para a construção do ambiente, na segunda parte do poema, ao exemplificar a passagem “Um pedaço de madeira com o peso das minhas lembranças mais profundas.”, transcrevi trechos do poema sobre a superfície da mesa, conferindo maior significado à trama do vídeo.



Fig 19: Imagem autoral do vídeo-performance. 2023.

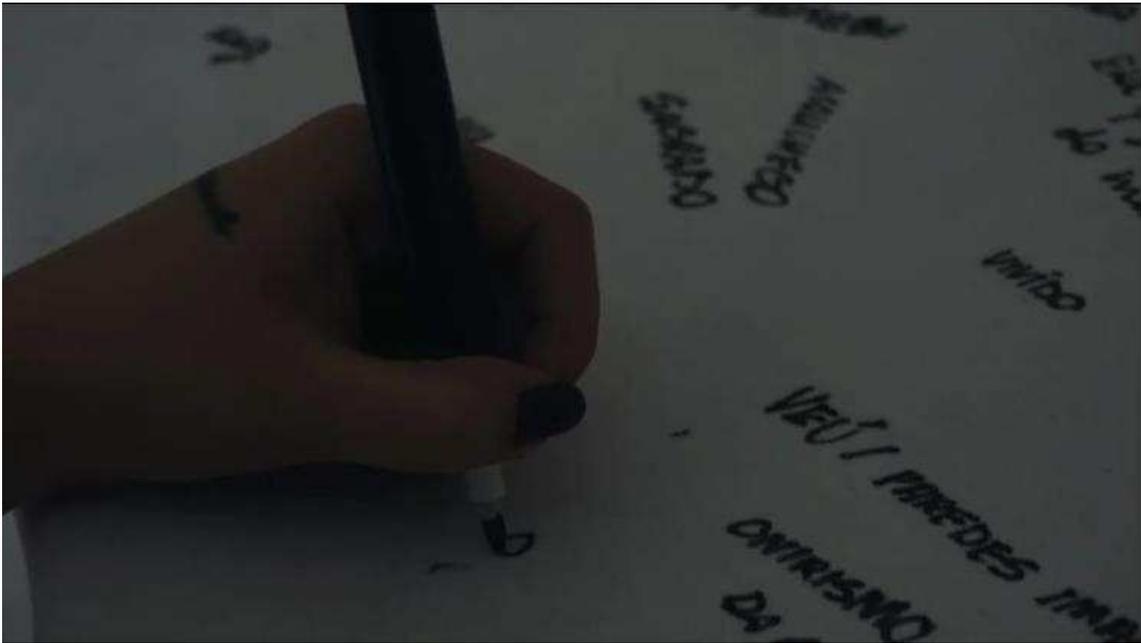


Fig 20: Imagem autoral do vídeo-performance. 2023.



Fig 21: Imagem autoral do vídeo-performance. 2023.



Fig 22: Imagem autoral do vídeo-performance. 2023.



Fig 23: Imagem autoral do vídeo-performance. 2023.

Link do vídeo-performance:

<https://drive.google.com/file/d/11vkQOQss9Hi1qWJVgOFSxL1rv3TSOg4M/view?usp=drivesdk>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos de estudo:

ZABABEASCOA, Anaxu Introdução: Tudo sobre a casa. São Paulo. Gustavo Gili. 2013.

SANTOS, Milton A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo. Edusp. 1996.

BACHELARD, Gaston A poética do Espaço . São Paulo. WMF Martin Fontes. 2008.

MOREIRA, Sueli Aparecida: Alimentação e Comensalidade: Aspectos históricos e antropológicos. São Paulo. Ciência e Cultura. 2010.

Pesquisas:

<https://www.artsy.net/artwork/judy-chicago-the-dinner-party>. New York. Art.sy Inc. 2012.

<https://mol-tagge.blogspot.com/2010/12/artista-recursos-multimedia-peter.html>.  
Brasília. Mol-tagge Arte e Cultura. 2010.

<https://www.grupogalpao.com.br/repertorio/nos>. Belo Horizonte. Grupo Galpão. 2016.

Imagens:

Fig 1: <https://www.frieze.com/tags/british-museum?page=2>. London. Frieze. 2018.

Fig 2: <https://www.comes.com.br/post/the-dinner-party-a-primeira-grande-obra-feminista-da-hist%C3%B3ria-por-judy-chicago>. Katherina Cordás. 2021.

Fig 3: <https://smarthistory.org/judy-chicago-the-dinner-party/>. SmartHistory. 2022.

Fig 4: <https://mol-tagge.blogspot.com/>. New York. Mol-Tagge Arte e Cultura. 2022

Fig 5: <https://www.grupogalpao.com.br/>. Belo Horizonte. Grupo Galpão. 2022.

Fig 6: <https://www.grupogalpao.com.br/>. Belo Horizonte. Grupo Galpão. 2022.